

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO DO CAMPO: Diálogo necessário e urgente

*YOUTH AND ADULT EDUCATION AND FIELD EDUCATION: necessary and urgente
dialogue*

Camila Zucon Ramos de Siqueira¹
Universidade Estadual de Minas Gerais

RESUMO

A escola é responsável por propiciar a permanência de educandos desejosos a estudar. A evasão é uma preocupação na Educação de Jovens e Adultos – EJA – e deve ser pensada no contexto do trabalho, pois educandas e educandos desse segmento encontram-se nessa etapa da vida, na qual a garantia de sua sobrevivência é prioridade. Contudo, trabalho também é um conceito muito genérico, portanto, contextualizar a escola à especificidade de seu público torna-se relevante. O Brasil é muito diverso, mas possui características econômicas muito associadas à uma vocação agrária, o trabalho do campo, ou rural, exige adequações teórico-metodológicas. Entre elas o rompimento com o histórico descaso com as populações rurais no oferecimento da escolarização. Portanto, sugere-se nesse trabalho de conclusão de curso aliar os debates da Educação de Jovens e Adultos à Educação do Campo, áreas de discussão com nascedouros muito semelhantes que se desdobraram e podem se aliar e trazer luzes aos desafios escolares cotidianos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica a partir da articulação de campos teórico-metodológicos distintos.

Palavras-chave: EJA; Acesso à educação; Educação Popular; Evasão; Educação do Campo.

ABSTRACT/ RESUMEN

The school is responsible for providing the permanence of students willing to study. Dropout is a concern in Youth and Adult Education – EJA – and must be thought of in the context of work, as female students in this segment are at this stage of life, in which ensuring their survival is a priority. However, work is also a very generic concept, so contextualizing the school to the specificity of its audience becomes relevant. Brazil is very diverse, but it has economic characteristics that are closely associated with an agrarian vocation, work in the field, or rural, requires theoretical and methodological adjustments. Among them, the break with the historical neglect of rural populations in providing schooling. Therefore, it is suggested in this course completion work to combine the debates of Youth and Adult Education with Rural Education, areas of discussion with very similar sources that have unfolded and can ally and bring light to everyday school challenges. This is a bibliographical research based on the articulation of distinct theoretical-methodological fields.

Keywords/Palabras clave: EJA; Access to education; Popular Education; Evasion; Field Education.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), Divinópolis, MG, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Manoel Bandeira, número 2520, bairro São José, Divinópolis, MG, Brasil, CEP: 35501-278. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0046-1950> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2157880794731462>. E-mail: camila.siqueira@uemg.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho buscou investigar a interlocução entre a Educação do Campo (EdoC) e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), com vistas a compreender as razões da especificidade camponesa na escola. Dessa forma seguimos o percurso de analisar ambos os campos de estudo, a EJA e a EdoC para encontrar as aproximações e distanciamentos entre tais temas. O problema de pesquisa que desencadeou essa investigação parte da pergunta: Se a EJA e a EdoC defendem a necessidade de contextualização e adequação do processo educativo ao seu público-alvo, como pode-se articular tais demandas? Isto é, como compatibilizar uma educação para um público específico (jovens e adultos), em um território também específico (campo)?

A presente pesquisa se justifica pelo avanço de ambas áreas de forma autônoma, com suas demandas e investigações, e também da necessidade de diálogo entre esses dois âmbitos para o atendimento da população adulta camponesa, que representa grande parte da população, em um país de bases agrárias como o Brasil.

É bem verdade que a escola é uma importante instituição na nossa sociedade. Contudo, escola e educação são conceitos amplos e que precisam ser adjetivados para terem um sentido real.

É possível e necessário pensar os sujeitos da escola? É viável considerar as variantes de cada público atendido? Como fazer do contexto um ponto de partida para o ensino das várias áreas do conhecimento na escola?

Diante das questões suscitadas foi apresentado o debate de duas importantes áreas do conhecimento educacional: Educação de Jovens e Adultos, a conhecida EJA; e a Educação do Campo, a chamada EdoC, uma perspectiva teórico-metodológica que se desenvolve no Brasil a partir da década de 1990, trazendo contribuições que nos auxiliam a pensar a problemática apresentada.

A adequação dos pressupostos teóricos e metodológicos impulsionados pela realidade é uma habilidade essencial no trabalho docente. O aprisionamento de métodos pode levar um excelente profissional ao não cumprimento do objetivo da construção do conhecimento na escola. Por isso, nesse texto apresentam-se possibilidades de reflexão que considerem no centro do processo educativo, a relação educador(a) – educandos(as).

Esse trabalho tem grande importância para a trajetória da pesquisadora, tendo em vista a formação inicial em Geografia, que possibilita pensar as relações sociais em um país agrário,

da periferia do capitalismo, como o Brasil. E a formação da em Educação que se dedica ao estudo do processo educacional em diversos níveis e contextos.

O Brasil, e diversos países do mundo, passam hoje por transformações que colocam direitos sociais em questão. Se houve um período na década de 1990 até os anos 2015 de avanços em relação às conquistas de políticas públicas para atendimento das pessoas trabalhadoras do país, na atualidade as perdas são diárias e representam grandes retrocessos sociais.

Ou seja, a repressão aos movimentos sociais sempre existiu, mas a correlação de forças em outros momentos dava legitimidade e legalidade à atuação dos grupos organizados e permitia a conquista de políticas públicas de atendimento para a superação de dívidas sociais históricas. Hoje o processo de criminalização se acentuou e o retrocesso se torna evidente nos campos da educação, trabalhista, saúde e moradia.

Por isso acredita-se na necessidade do estudo como ferramenta de aprofundamento do entendimento coletivo das problemáticas e da construção de ações conjuntas nas diversas frentes de transformação social.

Deste modo, organiza-se o artigo em três momentos: Fundamentação teórica – dividida em: A Educação de Jovens e Adultos – a famosa EJA, que se dedica a compreensão do histórico da EJA no Brasil e sua importância; Educação do Campo, que analisa esse paradigma teórico-metodológico como teoria e prática; e a interlocução entre os dois campos. A metodologia e os resultados, que apresentam o caminho percorrido e as amarrações finais, e por fim, a conclusão, onde apresenta-se caminhos relevantes para a construção de diálogo entre a EJA e a EdoC.

A inspiração metodológica desse artigo parte do materialismo histórico-dialético como sendo mais coerente para a realização do presente estudo. Tendo em vista a construção da EJA e da EdoC serem inspiradas nesse método.

Um pressuposto fundamental desse método é a contradição. A realidade como um complexo contraditório. Esse entendimento como apresentado de forma sucinta no dicionário para principiantes do pensamento marxista:

Categoria fundamental da lógica dialética. [...] Se a oposição se agudiza, a contrariedade se transforma em contradição. Nesse caso, os polos opostos já não são apenas diferentes, mas contraditórios e antagônicos (não podem se conciliar). Exemplos: a relação social do —capital encerra a contradição antagônica entre empresários e trabalhadores. A crise do capitalismo constitui a exposição de múltiplas

contradições antagônicas. A mudança e o movimento da história são produtos dessas contradições (KOHAN, 2008, p. 3).

Esse princípio permite analisar os fenômenos a partir da noção de transitoriedade e de correlação de forças. A sociedade se organiza de tal modo, mas pode ser transformada em caso de alteração dessa correlação. Essa noção, embora, pareça óbvia nos permite discutir um projeto educacional para além do que existe e inserir a utopia como elemento analítico.

A experiência com Educação do Campo trouxe essa inquietação do distanciamento entre EJA e EdoC na atualidade, e aproximar as referências desses campos, compreendendo que consiste algo além de modalidades de ensino nos dois casos. Consiste em um trabalho bibliográfico permeado pela experiência da autora e de inquietações vivenciadas no seu processo de formação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação de Jovens e Adultos – A famosa EJA

Discutir a Educação de Jovens e Adultos – EJA – é um desafio pelo avanço do debate nesse campo, porém uma necessidade urgente pelo número de adultos no Brasil ainda com desafio da escolarização colocado em suas vidas.

Uma das referências de destaque na EJA é Paulo Freire, por suas ideias que misturam: liberdade, fé na humanidade, amor e rigor teórico-metodológico. O diálogo é um pressuposto fundamental da sua obra. Em seus livros: *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia* tem-se no primeiro um arsenal político de atuação para nós professoras e professores em constante formação e no segundo dicas e alertas pedagógicos para nossa atuação docente séria e democrática.

Em tempos que a democracia é colocada em questão, e existem pessoas que defendem regimes autoritários como importante, precisamos retornar a essas obras e reler para tentar superar momentos tão dramáticos como esse.

Quando está inserido no cotidiano escolar as tarefas políticas e pedagógicas se misturam, não é à toa que o PPP – Projeto Político Pedagógico – se torna uma importante ferramenta de atuação escolar, um elemento da gestão que perpassa o trabalho docente, e demonstra a necessidade da democracia como instrumento de gestão escolar.

Conhecer nosso público é uma demanda inicial e fundamental para profissionais sérios

da educação.

[...] para Paulo Freire, a dialogicidade está ancorada no tripé educador-educando-objeto do conhecimento. E, para que ela se efetive de fato, ou seja, haja a aproximação entre educador-educando-objeto do conhecimento, o principal instrumento é a pesquisa do universo vocabular, cultural, e das condições de vida dos educandos. Nesse contexto, o diálogo freiriano torna-se um referencial epistemológico de uma pedagogia que possibilita construir coletivamente uma educação que promova a humanização e a libertação (SOARES e PEDROSO, 2013, p. 260).

No texto citado de autoria de Leôncio e Ana Paula é destacado um eixo importante para nossa atuação: o universo cultural de educandos, incluindo referências vocabulares e de condições de vida. Ou seja, o jeito de falar e como as pessoas vivem influi diretamente no trabalho escolar dos docentes.

A cultura juvenil e a cultura camponesa são exemplos de universos culturais distintos que se colocam como desafios a serem encarados no cotidiano de professoras e professores em todo o país.

A linguagem “da roça” traz importantes indícios de como fisgar esses educandos. Patativa do Assaré, auto intitulado “Poeta da roça” é um importante representante desse universo e nos permite incursões belíssimas:

Sou fio das mata, cantô da mão grossa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio.
Não tenho sabença, pois nunca estudei, apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre, E o fio do pobre não pode estudá (ASSARÉ, s/
data, s/ ano).

Seu poema denuncia o descaso com o povo camponês, ressalta sua autoafirmação, e de modo sutil diferencia escolarização e sabedoria, demonstrando o valor dos camponeses, ainda que distante da norma culta, apresentando de forma singular seu mundo, sem abrir mão de seu universo vocabular. Patativa ajuda os professores da EJA a pensar o mundo rural e dos adultos sob o ângulo do questionamento crítico e da denúncia da desigualdade social e geográfica tão antiga quanto o próprio país e mais atual do que nunca.

Pensar no trabalho do campo como referência de atuação profissional dos educandos

nos permite imergir nesse universo camponês como referência de trabalho. A cultura do campo brasileira está atrelada à produção agrícola e pecuária. Saber quais culturas agrícolas estão presentes na localidade do trabalho pode ser um início para conversar com educandos.

Café? Mandioca? Feijão? Milho? Pimento do reino? O que se produz nesse território? Como se produz? Que insumos são utilizados nessa produção? São perguntas que educam o educador, que o aproximam do seu território de atuação e permitem trazê-lo para próximo de seus educandos.

Se supõe que esses educandos trabalham em pequenas propriedades rurais e com trabalho familiar, é preciso interagir com o calendário agrícola dessa produção e com as formas produtivas. Isso auxilia nosso trabalho docente e nos permite ingressar nesse universo. Saber o tempo da colheita e a sazonalidade da produção agrícola, permite inclusive a escola adequar horários e períodos letivos, como garantido em lei nas “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” (Parecer nº 36/2001 e Resolução 1/2002 do Conselho Nacional de Educação).

A EJA trabalha com o pressuposto que o ensino não é, nem deve ser igual em todas as modalidades de ensino. De acordo com a trajetória de nossos educandos deve-se contextualizar e articular os debates com a realidade vivida. O saber de um adulto não só deve ser considerado, diagnosticado, mas sim deve ser nosso material de trabalho educativo.

A formação dessas educadoras e educadores é um desafio colocado que necessita de grande incitação. “As ações das universidades com relação à formação do educador de jovens e adultos ainda são tímidas se considerarmos, de um lado, a relevância que tem ocupado a EJA nos debates educacionais e, de outro, o potencial dessas instituições [...]” (SOARES, 2006, p. 17).

EDUCAÇÃO DO CAMPO

*Não vou sair do campo pra poder ir pra escola
Educação do Campo é direito e não esmola.
(Gilvan Santos, música-lema do movimento “Educação do Campo”)*

De antemão, por meio da epígrafe, afirma-se o direito da população do campo a ter acesso à educação de qualidade. Afirmar como direito, torna-se diferente de uma ação generosa do docente, e passa a ser uma atribuição necessária do trabalho dos professores.

Os sujeitos da escola precisam viver esse espaço, incluindo educadores (no sentido amplo freireano, toda a equipe que trabalha na escola) e educandos. Ou seja, a escola é parte da vida, e precisa ser sentida como tal para todos.

O que chama-se de Educação do Campo pode ser entendida como um movimento social, uma teoria pedagógica e uma prática em construção no Brasil. Uma importante referência dessa área do conhecimento é a Roseli Salete Caldart, desde a sua constituição em meados de 1990. “A Educação do campo nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive no/do campo” (CALDART, 2009, p. 39).

É importante destacar o protagonismo dos povos do campo na construção da sua própria educação “Esta proposta busca uma formação humana social e política do camponês, planejando os processos educacionais a partir da realidade e das necessidades vividas por essa população, sendo os mesmos os atores principais dessa ação” (PACHECO, 2010, p. 65).

E porque a necessidade de tratar dessa questão ao pensar alternativas pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos? Por considerar a importância dos acúmulos conceituais para a construção da prática pedagógica. Ou ainda, nas palavras de Roseli:

[...] considerar a realidade do campo na construção de políticas públicas e de pedagogia significa considerar os sujeitos da educação e considerar a prática social que forma estes sujeitos como seres humanos e como sujeitos coletivos. E não pretender que a educação/a pedagogia valha e se explique por e em si mesma (CALDART, 2009, p. 42).

Esse pé da escola e da educação na realidade pode ser considerada uma leitura desencadeada por Paulo Freire para a Pedagogia. Ressaltar o campo e suas implicações na vida é algo que tem sua inspiração também e se efetiva no Brasil fruto da importância do território camponês na cultura e economia brasileira.

INTERLOCUÇÃO ENTRE A EJA E A EDOC

A Educação de Jovens e Adultos tem origem, assim como a Educação do Campo, no que comumente atribui-se a denominação Educação Popular. Processos de alfabetização de trabalhadoras e trabalhadores na América Latina, em períodos de autoritarismo político, essas ações se vinculam às comunidades eclesiais de base (CEBs) da igreja católica. Para que fosse possível a sua existência sem repressão.

Calcado na lógica da troca de experiência e de um processo educativo ligada ao mundo dos seus educandos, Paulo Freire desenvolve metodologias que partem desse princípio como o “Círculo de Cultura”, que no livro ‘Educação como prática da liberdade’ encontramos relatos detalhados dessa metodologia de trabalho.

A Educação Popular como um movimento social vai sendo apropriada pelo Estado, como a partir do ‘Mobral’, e outros projetos de alfabetização para jovens e adultos. Essa Educação Popular como prática e movimento está na base da constituição das duas modalidades em discussão nesse artigo.

A EJA sendo originária dessa movimentação se institucionaliza mantendo princípios e objetivos semelhantes à Educação Popular. Mais tarde o Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – na década de 1990 observa a necessidade de foco na população camponesa que estaria sofrendo perdas de direitos crescente e necessitava de um projeto de educação próprio e apropriado que fizesse frente à histórica e precária Educação Rural.

Se possuem essa semelhança, tanto a EJA quanto a EdoC ganham vidas autônomas, se complexificam, tornando-se diversas e com vasta produção teórica e prática.

Já que houve essa importância do desenvolvimento individual das duas modalidades, talvez seja o momento de reencontro, para unir forças em uma conjuntura desfavorável à organização popular.

A ausência do Estado brasileiro na implantação de políticas públicas para a educação de jovens e adultos é respondida pela sociedade civil organizada (a exemplo do Movimento de Educação de Base da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB) ainda no início da década de 1960, com ações de alfabetização e capacitação em associativismo e cooperativismo para as comunidades rurais. Mais recentemente, os movimentos sociais, ao seu modo, vêm buscando possibilidades de alfabetização e de escolarização para os trabalhadores do campo. Pode-se dizer que, na atualidade, a EJA no meio rural constitui resposta às demandas por escolarização dos trabalhadores organizados em seus movimentos e organizações sociais (ARAÚJO, 2012, p.254).

Inicialmente os resultados com a sistematização do verbete “Educação de Jovens e Adultos” no Dicionário de Educação do Campo. Esse produto é resultado da ação coletiva do movimento de EdoC e traz um apanhado dos principais conceitos desse campo de atuação. Já consiste, portanto, em uma evidência de articulação dos movimentos em discussão.

Ao pensar qual seria o instrumento correlato da EJA, nos recordamos do Dicionário Paulo Freire, também utilizado na bibliografia do artigo. Que diferenças percebe-se entre esses

materiais? Há na EJA essa sintetização das principais ideias na figura do patrono da educação. Ter uma grande referência teórica e política é muito importante para todo e qualquer movimento, mas é preciso avançar para produtos menos personalistas.

A comparação dos dicionários como exemplo, e talvez nem seja o melhor, mas pensamos que nos auxilia a pensar as diferenças de organização da EJA e EdoC.

[...] a EJA, como parte do movimento de lutas sociais, tem origem nas experiências isoladas de luta e permanência na terra em várias partes do país. Primeiro, tratava-se apenas de iniciativas no campo da alfabetização, que foram inauguradas pelas forças populares; posteriormente, os próprios movimentos de lutas sociais se organizaram e ampliaram o seu processo de educação de adultos, numa perspectiva mais ampla, que envolve outros níveis de escolarização e que visa às necessidades que surgem da própria luta social (ARAÚJO, 2012, p. 255).

Em outro trabalho com tema correlato, da aproximação desses campos há uma interpretação mais esperançosa do que a que temos observado “A Educação de jovens e adultos (EJA) e a Educação do campo, como campos de conhecimento em diálogo, produzem um fazer pedagógico potencializador de experiências diversas e algumas inovadoras” (ALENCAR, SANTOS & CARVALHO, 2019, p. 9).

E problematiza a difícil consolidação das bases propostas por ambos movimentos “[...] porém suas bases de construção são, muitas delas, de difíceis conquistas porque exigem a desconstrução de um modelo de mundo solidificado nas bases do capital e do mercado” (ibdem). Ressaltam, contudo que não são impossíveis. Cada aluno/a que frequenta as classes da EJA destinada à população do campo são exemplos da renovação e da construção de uma etapa diferente daquele que muitos de nós conhecemos” (ibdem).

CONCLUSÃO



POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Representação da Educação do Campo. Ano: Fonte:

<http://www.utfpr.edu.br/doisvizinhos/cursos/licenciaturas/Ofertados-neste-Campus/educacao-no-campo>

O lugar de fala nesse artigo é originário do movimento de Educação do Campo, e por isso, se resgata a arte da I Conferência por uma Educação Básica do Campo, um dos marcos fundamentais da construção do movimento. Embora, a arte tenha uma autoria individual ela foi construída como fruto dos debates do movimento e se eternizou como importante ideia do movimento.

O Girassol na escola do campo em construção se efetivou pelo símbolo da natureza que representa o vínculo campesino com a terra, tendo em vista o movimento da flor em relação ao sol e pela profusão de sementes que dessa flor.

Diversos hinos e cânticos da EdoC nos trazem a ideia de pertencimento e luta coletiva. “Não vou sair do campo pra poder ir pra escola, Educação do Campo é direito e não esmola” sistematiza muitas lutas acumuladas do movimento de forma simples e profícua.

Por fim, ressalta-se o encontro e a dialogicidade da EJA e da Educação do Campo, mas principalmente a necessidade de nós educadores e educadoras preocupadas com a construção do conhecimento de beber nessas fontes e repensar as práticas. Essa dialogicidade entre EJA e a EdoC se faz necessária para atendimento á esse público específico de jovens e adultos moradores do campo. Diálogo que também defende Paulo Freire, a base da sua proposta educacional:

É uma relação horizontal de A com B [...]. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1985, p. 107).

Diante de todo o exposto trazemos como desafio pessoal e profissional olhar para o mundo que envolve os sujeitos do processo de ensino aprendizagem como passo inicial das nossas práticas. E principalmente, compreendendo o universo cultural de vida e de trabalho desses sujeitos.

Por isso, o diálogo consiste no respeito aos educandos, não somente enquanto pessoas, mas também enquanto expressões de uma prática social. Não se trata de espontaneísmo, que deixa os estudantes entregues a si próprios. A presença do educador não é apenas uma sombra da presença dos educandos, pois não se trata de negar a autoridade que o educador tem ou representa. As diferenças entre o educador e o educando se dão numa relação em que a liberdade do educando não é proibida de exercer-se, pois essa opção não é, na verdade, pedagógica, mas política, o que faz do educador um político e um artista, e não uma pessoa neutra (EDER, 2006, p. 37).

Ter em mãos elementos da produção da Educação de Jovens e Adultos e da Educação do Campo para construir nosso cotidiano escolar são elementos ricos para a construção de uma prática comprometida como a construção do conhecimento na escola.

Ao ousar alfabetizar os adultos e elevar a sua escolaridade tendo como horizonte não apenas a qualificação para a força de trabalho, os movimentos de lutas sociais no campo demonstram que a emancipação não se dará apenas por meio da conquista econômica, mas, ao lado das conquistas econômicas, é necessário também haver elevação cultural e qualificação de consciência, demonstrando, assim, a função da educação e da escola para o movimento (ARAÚJO, 2012, p. 256).

Não desconsidera-se a “qualificação para a força de trabalho” como um elemento relevante na formação de adultos camponeses, mas reduzir a educação a esse objetivo a torna vazia de significado real e libertador.

Os educadores, com seus cotidianos massacrantes, precisam encontrar formas de construção da emancipação humana, entretanto, isolados, essa tarefa se torna impossível. Contudo, os movimentos sociais têm cumprido essa tarefa de forma a elevar os horizontes educativos de forma a propor à sociedade novas formas de socialização.

Não deseja-se desse modo idealizar a ação dos movimentos, pois essa ingenuidade ignora a contradição como pressuposto. Sabe-se das diversas contradições das ações individuais e coletivas no mundo em que vivemos, mas hoje, sobretudo hoje vemos a necessidade de construir formas de pensamento coletivo e criativo para (re)criar a tragédia educacional que se desenha em nosso país, fortalecer a educação pública ainda é nosso norte.

Diversos artistas populares têm nutrido a Educação do Campo com suas belas canções que sintetizam o conjunto de ideias coletivas construídas ao longo dessa trajetória. Gilvan citado em epígrafe anterior traz diversos dizeres importantes. Zé Pinto é um artista que nos educa na luta, com importantes canções como “Ordem e Progresso” e “Caminhos Alternativos”, citamos um clássico “Floriô”:

FLORIÔ
(Zé Pinto)

Arroz deu cacho e o feijão floriô, milho
na palha coração cheio de amor.

Povo sem terra fez a guerra por justiça
Visto que não têm preguiça este povo de
Pegar cabo de foice, também cabo de
enxada pra poder fazer roçado e o Brasil se
alimentar.

Com sacrifício debaixo da lona preta
inimigo fez careta mas o povo atravessou
romperam cercas que cercam a filosofia
de ter paz e harmonia para quem planta o
amor.

Erguendo a fala gritando Reforma
Agrária, porque a luta não pára quando se
Conquista a terá o chão fazendo estudo, juntando
a companheirada criando cooperativa pra
avançar a produção.

E aqui, por fim, finaliza-se esse singelo trabalho, que buscou um diálogo entre duas áreas educacionais distintas, contudo complementares: A Educação de Jovens e Adultos e a Educação do Campo. Em um país como o Brasil, que em pleno século XXI não consegue (ou não quer?) erradicar o analfabetismo, é de suma importância fortalecermos a EJA e a EdoC, propondo um diálogo e um entrelaçamento entre as políticas públicas voltadas para esse público alvo específico morador do campo brasileiro. Somente com fortalecimento da educação pública nacional é possível avançar para por fim ao analfabetismo que assola milhões de brasileiros.

Referências

ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos; SANTOS, Sônia Maria dos e CARVALHO, Waldênia Leão de. **Educação de Jovens e Adultos e Educação do Campo: um diálogo para o fortalecimento de direitos do trabalhador/a camponês/a.** Disponível em: <http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/ix-coloquio/paper/download/600/593>. Acesso em: 20 de março de 2019.

ARAÚJO, Maria Nalva Rodrigues de. Educação de Jovens e Adultos. **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, p. 361-367, 2012.

ASSARÉ, Patativa do. **Poeta da roça.** Disponível em: <<http://letras.mus.br/patativa-do-assare/872145>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

CALDART, Roseli Salette. **Educação do campo: notas para uma análise de percurso.** Trab. educ. saúde, Rio de Janeiro, 2009, vol. 7, no 1, p. 35-64.

EDER, Soares. **A dialogicidade freireana na educação de jovens e adultos.** Tese Doutorado – Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP, Franca: UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente.** São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 90.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17^a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol. 3.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KOHAN, Néstor. Dicionario básico de categorias marxistas. **Marxismo para principiantes.** <http://www.librosenlinea.diccionariocategoriasmarxistas>, 2008.

PINTO, Zé. **Floriô.** Disco “Vozes da Terra”.

PACHECO, Luci Mary Duso. Camponês. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides;

ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANTOS, Gilvan. Não vou sair do campo. **Caderno de linguagens: música e poesia na Educação do Campo**. Brasília, 2010.

SOARES, Leôncio José Gomes e PEDROSO, Ana Paula Ferreira. **Dialogicidade e a formação de educadores na EJA: as contribuições de Paulo Freire**. Campinas-SP, UNICAMP. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1281>. Acesso em: 18 jun. 2018.

SOARES, Leôncio. O educador de jovens e adultos em formação. **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, v. 29, p. 15-18, 2006.

Submetido em: 18 de outubro de 2021.

Aprovado em: 07 de fevereiro de 2022.

Publicado em: 10 de agosto de 2022.